CADERNOS MACAMBIRA

ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v. 11, n. especial, 2026. https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2185.
Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

ARTIGO / ARTICLE

E POR QUE NÃO FALAR DE AMOR? AS INTERFACES ENTRE O AMOR E O AMAR

WHY NOT TALK ABOUT LOVE? THE INTERFACES BETWEEN LOVE AND LOVING

Teresa Cristina Merhy Leal [1]

[1]Doutora e mestre em Família na Sociedade Contemporânea. Membro do Grupo de Pesquisa Família Auto (Biografia) e Poética. Docente do Centro Universitário Afya- Salvador. Autora correspondente: teresa.leal@gmail.com.

Recebido: 22/04/2026 - **Revisado**: 11/05/2026 - **Aceito**: 01/07/2026 - **Publicado**: 30/09/2026

RESUMO: O presente ensaio teórico aborda o amor como objeto de reflexão acadêmica, destacando sua limitada presença no campo científico e filosófico, apesar de sua centralidade nas experiências humanas. Em diálogo com autores como Zygmunt Bauman e Jean-Luc Marion, parte-se da problemática da tensão entre razão e amor, evidenciando as dificuldades de sua conceituação e expressão. O objetivo do estudo é analisar as interfaces entre o amor e o amar, compreendendo suas diferentes manifestações e implicações na contemporaneidade. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, de caráter teórico-reflexivo, fundamentada na análise bibliográfica, especialmente nas contribuições de André Comte-Sponville. Como principais resultados, destacam-se as três formas clássicas do amor: Eros, associado ao desejo e à falta; Philia, relacionado à amizade e à reciprocidade; e Agapé, caracterizado pelo amor incondicional e altruísta. Observa-se, no contexto contemporâneo, a predominância do amor pautado em Eros, marcado por idealizações e pelo individualismo, em detrimento de formas mais maduras de vínculo. Ademais, evidencia-se que a ausência do amor no discurso filosófico contribui para uma vivência empobrecida das relações afetivas. Considera-se que é fundamental promover o diálogo entre amor e razão, reconhecendo o amor como dimensão essencial da existência humana e como campo legítimo de investigação, abrindo possibilidades para novas reflexões teóricas.

Palavras-chave: Relações humanas. Eros. Philia. Agapé.

ABSTRACT: This theoretical essay addresses love as an object of academic reflection, highlighting its limited presence in the scientific and philosophical fields despite its centrality in human experiences. In dialogue with authors such as Zygmunt Bauman and Jean-Luc Marion, it starts from the problem of the tension between reason and love, emphasizing the difficulties in its conceptualization and expression. The objective of the study is to analyze the interfaces between love and loving, understanding their different manifestations and implications in contemporary times. This is a qualitative study of a theoretical-reflective nature, based on bibliographic analysis, especially on the contributions of André Comte-Sponville. The main results highlight the three classical forms of love: Eros, associated with desire and lack; Philia, related to friendship and reciprocity; and Agape, characterized by unconditional and altruistic love. In the contemporary context, there is a predominance of love grounded in Eros, marked by idealizations and individualism, to the detriment of more

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Internacional Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International

mature forms of bonding. Furthermore, it is evident that the absence of love in philosophical discourse contributes to an impoverished experience of affective relationships. It is concluded that promoting dialogue between love and reason is essential, recognizing love as a fundamental dimension of human existence and as a legitimate field of investigation, opening possibilities for further theoretical reflections.

Keywords: Human relationships. Eros. Philia. Agape. Philosophy.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao dar início a este ensaio teórico não poderia deixar de mencionar a grata surpresa ao constatar na matriz curricular de um curso de pós-graduação *stricto sensu* a disciplina Tópicos em Família: a experiência do amor em suas múltiplas faces, proposta pela professora Elaine Pedreira Rabinovich e ofertada como disciplina optativa. A grata surpresa advém por ser o amor um tema muito pouco debatido no ambiente acadêmico. Este, comumente é abordado a partir das diversas performances como ele se apresenta nas relações que estabelecemos no nosso cotidiano. Isto posto, uma reflexão a partir das palavras proferidas pelo professor Giancarlo Petrine, é importante. Ele afirma que o tema do amor está sendo resgatado pelo mundo acadêmico como se a racionalidade não tivesse que dar conta desta realidade. Diante dessas palavras é possível estabelecer uma articulação com o pensamento de Bauman (2008):

> O amor teme a razão; a razão teme o amor. Cada um tenta viver sem o outro. Mas sempre que o fazem o problema fica guardado. [...] A separação deles significa desastre. Mas as negociações, se ocorrem, raras vezes geram um *modus viventi* tolerável. A razão e o amor falam línguas diferentes e que não são traduzidas com facilidade. [...] A razão é melhor conversadora do que o amor, o que faz com que o amor ache muito difícil, quase impossível, redimir-se no discurso. Os duelos verbais terminam sempre com a razão triunfante e o amor ferido: a discussão não é o forte do amor (Bauman, 2008 p. 205).

Nesse contexto, conforme aponta Zygmunt Bauman (2008), há uma tensão constante entre amor e razão, sendo ambos frequentemente tratados como dimensões inconciliáveis. De modo complementar, Jean-Luc Marion (2007) destaca a dificuldade contemporânea de falar sobre o amor, evidenciando a ausência de linguagem e conceitos adequados para sua compreensão.

Como podemos constatar falar do amor é tarefa complexa, nem mesmo a filosofia fala mais nada ou muito pouco sobre ele. Segundo Marion (*apud*

Menezes) é como se "[...] não possuíssemos mais a palavra para dele falar, nem os conceitos para pensar sobre ele, nem as forças para lhe celebrar (p.1)".

Diante disso, emergem questionamentos fundamentais: E por que não falar do amor? Será muita ousadia? Uma "ousadia teórica?" Como teorizar algo que emerge de um sentir e de um pensar e se transforma em ação? Como conceituar o amor que é tido como singular e plural? Como imortalizá-lo? Essas indagações orientam a reflexão proposta neste ensaio.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, de caráter teórico-reflexivo, fundamentada em revisão bibliográfica, proposta pela disciplina Tópicos em Família: a experiência do amor em suas múltiplas faces. A escolha metodológica justifica-se pela complexidade do objeto investigado, o amor, que demanda abordagem interpretativa e conceitual.

Foram analisadas obras clássicas e contemporâneas, com destaque para as contribuições de André Comte-Sponville (1995), além dos diálogos com Bauman Marion e (2008, 2007, s/d). O percurso metodológico envolveu leitura analítica, identificação de categorias centrais (*Eros, Philia e Agapé*) e interpretação hermenêutica das diferentes concepções de amor.

A pesquisa possui caráter exploratório, não visando generalizações, mas o aprofundamento teórico e a problematização do tema no contexto contemporâneo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante das leituras e discussões realizadas sobre o amor, no contexto da disciplina Tópicos em Família: a experiência do amor em suas múltiplas faces, vale ressaltar a fala de Sponville (1995), em seu livro *Pequeno Tratado das Grandes Virtudes* que nos apresenta *Eros*, *Philia* e *Agapé* três modelos clássicos e multifacetados de amor, mas que segundo o autor se completam.

A partir do livro *O Banquete de Platão*, Sponville (1995) fala sobre *Eros*, como aquele que representa um desejo de completude e que dá sentido à vida, nossa maior potência, que nos faz muitas vezes, impotentes. É possível perceber este antagonismo do amor (*Eros*) a partir das concepções de Sócrates e Aristófanes (mito da procura da cara metade), pois se refere ao amor como

"aquele que sonhamos, como saciado e saciante: a paixão feliz" (Aristófanes *apud*. Sponville, 1995 p.247). No entanto, no filosofar de Sócrates esse tipo de amor é carência e incompletude, é desejo e falta e que por isso nos destina a infelicidade.

Diante de tais concepções o referido autor nos lembra que Aristófanes é um poeta de outrora e que nossa natureza não era como é hoje. Quem melhor a exemplifica é a mitologia grega ao se referir que os machos tinham dois sexos de homem, as fêmeas tinham dois sexos de mulher e os andróginos tinham ambos os sexos. Estes últimos ousaram desafiar Zeus, decorrente da sua valentia e força. Em contrapartida, Zeus resolveu puni-los separando-os, o que simbolicamente representa o mito da procura da cara metade.

Outrossim, ao nos reportarmos para o amor na atualidade é possível observarmos o quanto homens e mulheres ainda se identificam com o amor a partir da procura do que não acreditam possuir, buscando no outro a completude, como no mito de Aristófanes, a sua cara metade. Percebe-se que para legitimar a individualidade, homens e mulheres muitas vezes, preferem evocar o que Scola (2002) se reporta como amor potencializado por *Eros*, um amor adolescente, a paixão erótica, sendo que a ênfase é dada pelo egoísmo e que qualquer sacrifício é percebido pelo outro como estranheza e ameaça ao próprio bem estar.

Falta, incompletude, não seriam de certa forma reminiscências de um amor egóico decorrentes do adolescer humano nos tempos atuais?

Sponville (1995) ressalta que se apaixonar é para todos, amar não. Segundo o autor a paixão emitida por *Eros* é desejo por determinado objeto enquanto este representa a falta. E com o propósito de enfatizar suas palavras nos traz uma citação de Platão, "ama aquilo que lhe falta, e que não possui". (Platão *apud* Sponville, 1995, p.253). Segundo Platão é uma falta consciente e experienciada como tal. Sócrates antes mesmo de Platão apresenta tal pensamento quando fala: "o que não temos, o que não somos, o que nos falta, eis os objetos do desejo e do amor". (Sócrates *apud* Sponville, 1995, p.253).

Então é possível considerarmos que sendo seres da falta, esta sensação é fundante para que possamos desejar com propósito de conquista? E que nesse movimento vamos construindo nossos projetos de vida? Então *Eros* nos basta enquanto fonte para potencializar as nossas realizações?

O segundo modelo de amor apresentado por Sponville (1995) é *Philia*, que no sentido lato do termo significa Amizade, exemplificada como o amor que brota entre humanos nas suas múltiplas formas referentes ao amor paterno, amor materno, amor fraterno ou filial, amor entre amigos, amor entre marido e mulher, existindo reciprocidade e pertencimento, isto é, não se reduz a procura de algo que ainda não possuímos como no caso da paixão (*Eros*). É um amor partilhado, como diz o autor, amor-alegria, o prazer e confiança recíprocos, que requer tempo e envolvimento.

Philia difere do amor (o estar apaixonado), do amor posse, do querer possuir. É o amor da presença, do real, que surge quando transcendemos a potência de *Eros* que se move pela ausência do objeto de desejo, nos deleitamos com a presença. Não vemos através do outro (amor idealizado), mas conseguimos enxergá-lo como ele realmente é, o que não é tarefa fácil, pois fantasiar é próprio de nós seres humanos, no entanto, não podemos colocar *Eros* como inexistente, haja vista que *Philia* é a sua transformação, pois tem como ponto de partida o desejo.

E neste processo de entender o amor como um fenômeno humano, o terceiro modelo clássico apresentado por Sponville (1995) é *Agapé*, o qual o autor conceitua como amor incondicional, amor que liberta da posse, amor da caridade que é capaz de amar o próprio inimigo (como na representação bíblica do bom samaritano).

Segundo o autor, como seria bom se pudéssemos viver envoltos pela paixão de *Eros* e pela alegria do partilhamento proporcionado pela *Philia*. No entanto, nas relações intersubjetivas nos confrontamos com o paradoxo de não apenas amarmos o nosso próximo, mas também termos que conviver com aqueles que estão próximos a nós e que não amamos. Conviver com pessoas que amamos é tarefa prazerosa, mas com aqueles os quais não amamos pode ser uma tarefa desastrosa. É considerada uma virtude e não simplesmente um dever amarmos nossos amigos, nossos pais e nossos filhos.

E o nosso egoísmo, fazemos o que com ele? Seríamos capazes de sublimá-lo? E em nome de quem? Como nos pergunta Sponville (1995), amar o próximo como a si mesmo, será possível? Talvez a religião possa nos apontar a trajetória sobre os pressupostos do amor Agapé.

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e011052186, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2186 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

Nygren (*apud*. Sponville, 1995) nos fala que o amor de Deus é absolutamente espontâneo e que ele não procura no homem, na pessoa, um motivo para amá-lo, não valora, não se move pela falta (*Eros*) ou pela alegria (P*hilia*). Portanto, para Nygren, *Agapé* é o amor divino, um princípio que não constata valores, gera-os. Este autor traz como exemplos Santo Agostinho e Santo Tomás que souberam mostrar como se passa do amor a si ao amor ao outro; do amor interessado ao outro, ao amor desinteressado.

Diante de tal abordagem feita por Nygren, Sponville (1995) questiona sobre a nossa capacidade de amar incondicionalmente ao se referir a quantidade estimada de crianças, parentes, amigos verdadeiros, amantes, enfim nos mostrando que de acordo com a nossa real capacidade de amar essa representação numérica seria de aproximadamente de dez a vinte pessoas. Entretanto, chama a atenção para a importância da moral nas relações, entre amar e não amar, para esse contexto ambíguo, pois segundo o autor é a moral que nos propícia o respeito e o dever para com o outro e que estabelece a lei nas relações, onde o amor nas suas diversas formas não se instala como princípio. Então nesta díade entre amar e não amar *Agapé* se apresenta na filantropia, nas versões seculares como um amor altruísta, amor maduro, onde a caridade e a doação se fazem presentes para o bem do outro.

À luz das reflexões apresentadas, observa-se que a centralidade contemporânea de *Eros* revela não apenas uma forma de amar, mas um sintoma das dinâmicas sociais marcadas pelo individualismo, pela imediaticidade e pela busca incessante de satisfação pessoal. Nesse contexto, conforme problematizado por André Comte-Sponville, a redução do amor à lógica da falta pode empobrecer as experiências afetivas, dificultando a construção de vínculos baseados na alteridade e na permanência. Assim, mais do que compreender o amor em suas múltiplas formas, torna-se necessário questionar os modos pelos quais ele vem sendo vivido, reconhecendo que a ausência de equilíbrio entre *Eros, Philia e Agapé* pode refletir uma fragilidade ética nas relações humanas. Desse modo, repensar o amor implica também repensar o sujeito contemporâneo e suas formas de se relacionar com o(s) outro(s).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e011052186, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2186 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

A partir dos três modelos clássicos e multifacetados de amor, *Eros*, *Philia* e *Agapé*, apresentado por Sponville (1995), é possível elucubrarmos sobre a forte presença de *Eros* no que se refere aos encontros e desencontros amorosos na relação entre homens e mulheres na sociedade brasileira contemporânea? O que pretendermos com tal questionamento não é expandir a nossa discussão e sim fomentar indícios da supervalorização do "eu erotizado" no contexto atual da nossa sociedade. No entanto, vale ressaltar que esta exaltação do amor-paixão (*Eros*) não exclui as demais formas que lhes foram apresentadas.

A proposta de discussão nos reporta ao início do texto quando nos referimos a partir das palavras de Marion (*apud*. Menezes, s.d) sobre a ausência do amor no discurso filosófico. No entanto, tal proposição não se esgota em si, e sim instiga aqueles que ousam dialogar a partir dos seus conhecimentos e inquietações, como fez Menezes no artigo Refluxos sintomáticos (s.d). Neste, é evidente o diálogo com o pensamento de Marion sobre a ausência do amor no discurso filosófico, que passou a priorizar a objetividade e perdeu-se no propósito quanto a conjecturar sobre o amor. Quem sabe seja esta uma possível causa da nossa incompetência para manifestá-lo, que traz consequências, podendo ser constatado quando Menezes (s.d), se refere no texto, como:

> [...] o resultado dessa aridez é pavoroso e se manifesta em um estado de mendicância erótica, contornado pelo sentimentalismo desesperado da prosa popular, somado à propagação da pornografia que lança o erótico num abismo vulgarizante, e ainda adicionado à promoção de uma ideologia sempre mais vigorosa que simula dotar o indivíduo de autossuficiência, espécie de onipotência (Menezes, s.d. p.1).

Acredita-se que tal resultado não seja o que realmente a nossa racionalidade espera do amor. E mesmo que Bauman (2008) diga que os duelos verbais terminam sempre com a razão triunfante e o amor ferido, e que a discussão não é o forte do amor, faz-se necessário fomentarmos o diálogo entre o amor e a razão, a fim de não corrermos o risco de acreditar que "Qualquer maneira de amar vale a pena".

E diante de um texto que não se esgota, nos caberia como sensato e profícuo, apontar as possibilidades para uma "ousadia teórica" futura, haja vista que o amor pode ser considerado como fonte inesgotável de análises e reflexões

que não se esgotam no tempo, pois é parte fundante das experiências vividas na trajetória da humanidade.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. O Amor precisa de razão? In: **A sociedade individualizada:** vidas contadas e histórias vividas. Tradução José Gabriel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p.205-218.

MARION, Jean-Luc. **O fenômeno erótico.** Tradução de Paulo Neves. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

MENEZES, JEX Rumori ed dimenticanza: attegiamenti erotici. In: Nicola Reali. (Org.). **L'amore tra filosofia e teologia:** in dialogo con Jean-Luc Marion. Roma: Lateran University Press, 2007.

MENEZES, JEX. **Refluxos sintomáticos**, s.d.

SCOLA, Ângelo. **Uomo-donna. Il caso serio dell' amoré**. Milano: Marietti 1820, 2002.

SPONVILLE, André Comte. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.